

Dossiê
Crise da Razão

1

A crise da razão

Gilvan Fogel

Em 1933, cumpriam-se os trezentos anos da abjuração imposta a Galileo Galilei pelo Tribunal do Santo Ofício, da teoria copernicana por ele assumida e que seria um dos pilares da *nuova scienza*, da moderna ciência físico-matemática. Em homenagem a Galileo, Ortega y Gasset desenvolveu, naquele ano, na Universidade Central de Madrid, um curso em doze aulas que, posteriormente, foi publicado sob o título, *En torno a Galileo*, e subtintulado *Esquema de las crisis*. Sob o pretexto de esclarecer a estrutura ou o esquema das crises históricas, em questão, principalmente, está a crise da razão, a crise da razão europeia moderna, ou seja, a crise da razão cartésio-galileiana. É este, sem dúvida, um belo, um belíssimo livro, uma belíssima reflexão de Ortega sobre a crise, a estrutura ou o esquema das crises históricas.

Justamente pelos idos de trinta do século XX, vinham à luz, na Alemanha, em Freiburg, os cursos de Edmund Husserl, da década de 1920, as *Vorlesungen*, que aparecem com o título *Die krisis der europäischen wissenschaften und die transzendente phänomenologie* (*A krisis das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*). “Ciência europeia” está dizendo razão, a razão europeia, encarnada na hora pela razão matemática ou, de novo, pela razão cartésio-galileiana. E crise, aqui, como adverte Husserl, é crise de fundamentação. Então, por este tempo, falava-se e discutia-se a crise dos fundamentos da ciência, sobretudo os fundamentos da matemática, o que levava a razão matemática e, com ela, toda a ciência, a uma total instabilidade, a uma total desorientação, isto é, a uma séria e radical crise. Mas Husserl centrará sua análise, melhor, seu diagnóstico do problema no que ele chamou “crise de significado vital da ciência”, ou seja, em suma, Husserl constata que o saber europeu moderno-contemporâneo não sabe mais por quê, para quê, desde onde e para onde ele é saber. A isso, a essa contundente experiência de um completo desenraizamento

do saber, da vida e da existência europeias, Nietzsche, na segunda metade do século XIX, já denominara de “O niilismo europeu”, isto é, a crise, o abalo, o terremoto do saber, da ciência ou da razão europeia. Não sabe (não sente, não experimenta, não saboreia) por que e para que saber. (Racionalismo, intelectualismo e eruditismo (ostentação da cultura) constituem a causa da crise. Nesta, o espírito vira inteligência, cálculo. Ao se falar de espírito não se está falando de nenhuma coisa, material ou imaterial, nenhuma faculdade ou propriedade do homem, mas tão-só de um modo de ser do homem, marcado pelo fazer lento, paciente, devotado, uma longa frequência e frequentação, ou seja, um longo e paciente ver-fazer algo).

De algum modo a noção de crise de significado vital, é também o diagnóstico de Ortega em *En torno a Galileo*, uma vez que, para esse filósofo, em última instância, toda e qualquer crise histórica é crise de significado vital, isto é, ainda na sua formulação, perda de mundo, ou seja, esvaziamento de sentido ou de orientação vital, ao qual o homem possa/deva ater-se, vital ou existencialmente. (Segundo sua análise, o Ocidente experimentou três grandes crises, a saber, na Antiguidade, o chamado helenismo; depois o Renascimento, e hoje, a atual crise europeia, que é a crise da razão)

Como saída, como superação da crise, Husserl aponta para a necessidade da formulação e explicitação de uma ontologia do mundo da vida, que corresponde a uma ontologia das vivências ou experiências originárias (*Urerlebnissen*). Esta seria a direção para re-fundar a ciência, a razão, ou seja, para reconduzir o saber às suas verdadeiras raízes — a vida pré-científica. Ortega vai falar de um novo horizonte, de uma nova aurora — a aurora da razão histórica. Claro, nisso tudo se interroga: mas o que é, como é ontologia do mundo da vida? O que é, como é a razão histórica? Deixemos, no entanto, estas perguntas, pois nosso propósito é tão-só esboçar uma rápida paisagem histórica.

Rigorosamente, no espírito, no ambiente de crise, de crise da razão, aparece, em 1927, a obra filosófica mais vigorosa do século XX europeu: *Ser e Tempo*, de Martin Heidegger. E como direção de re-fundação e reenraizamento do homem e da realidade ocidentais, Heidegger, muito inspirado por Husserl, fala da necessidade da formulação e da explicitação do que ele denomina uma analítica existencial da presença (*Dasein*), ou seja, uma descrição-apresentação ontológica da gênese da vida ou da existência humana. Esta analítica existencial é também denominada ontologia fundamental.

A verdade, porém, é que esta fala e este sentimento ou esta sensação de crise, assim escancarada nos albores do século XX, seria eco do que vem se propalando pelo Ocidente desde meados do século XIX, logo após Hegel, nas vozes de Marx, Feuerbach, Kierkegaard e Nietzsche, principalmente. A razão, parece, não quer mais ser razão, não pode mais ser razão ou, melhor, talvez, não mais se vê no direito de ser razão, ou seja, princípio, fundamento. Ela, a razão, perde sua razão (!) de ser. Isto é paradoxal, pois hoje, sob a forma da cibernética, da informatização, na era da virtualidade e da digitalização, vivemos o paroxismo da razão, da razão matemática. Adiante voltaremos a esta questão. No entanto, é preciso dizer que a experiência mais radical desta crise da razão e, ao mesmo tempo, a crítica (i. é, a análise) mais contundente, mais incisiva e mais reveladora da gênese, das raízes da razão europeia acontece já no século XIX, com o pensamento de F. Nietzsche. Nietzsche é, sem dúvida, o mais póstumo dos pensadores do XIX, uma vez que o mais porvir, o mais futuro dos pensadores do XIX — seja no XX, seja no XXI, que para nós se abre e se nos impõe.

A crise da razão. O que é crise? O que é razão? Como crise, como razão? E, então, o que é, como é a crise da razão?

Ouve-se, fala-se, por exemplo, em crise política, crise da economia, crise das instituições, crise dos valores. Em cada uma destas expressões, que se ouve e se usa a toda hora, entende-se, melhor, subentende-se por crise uma situação de abalo, de instabilidade, de desestabilização. A vida no meio do terremoto está em crise. Trata-se de algo instável, onde impera o incerto, o inseguro, o pantanoso. E nisso sente-se ou pressente-se igualmente uma situação, uma hora de passagem, de transição. Na verdade, isso, a saber, passagem, transição, só se evidencia mais nesta situação de crise, pois, rigorosamente, na vida, na história, toda e qualquer situação, toda e qualquer hora é sempre situação e hora de passagem, de transição. Mas esta (a da crise) tem uma peculiaridade. É passagem, é transição, sim, porém acompanhada de um sentimento de inquietação, até mesmo de desespero, pois não se tem claro para onde passar, a que ater-se, onde instalar-se e fincar pé. A crise se mostra como uma a-poria, como um beco sem saída. E isso é, sim, perda de sentido, de orientação vital. Impõe-se passar, pois a vida não pode não passar, não pode não ser autotranscender-se ou autoultrapassar-se, mas o sentido, o valor, o mundo que se é

e no qual se está se revela (como?) não mais ter o direito de ser isso que se propõe ser, a saber, fundo, fundamento, sentido, orientação, mundo, e, no entanto, outro valor ou sentido (mais alto?) ainda não se mostra, não se alevanta. É quando o vate silencia, pois não pode, não se sente no direito de dizer, de proclamar:

Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta
(CAMÕES, 2002, I, 2)

Não. Na crise não há, ainda não há este valor mais alto a que lançar-se, ao qual ater-se e, então, por isso, a vida se faz incerta, instável (entra em crise), sem para onde, pois se apagou, se desfez o de onde. Em suma, não há, não se dá, não faz sentido, direção, orientação, gênese.

A crise contemporânea é a crise, isto é, o abalo, a instabilidade e a desestabilização da razão, em relação à razão, à qual é eminentemente o sentido, a força ou o valor moderno, moderno-contemporâneo. A pergunta é: em se tratando de crise da razão, qual é realmente a crise? Ou, em outros termos: o que é, o que significa, o que quer dizer, para nós, razão? Quando se perde a razão, o sentido-razão, o que realmente se perde? O que realmente se retrai, se nega, se ausenta? E, algo estranho, quem fala isso? Quem sente, experimenta ou vive isso? Claro, nós. E, então, quem realmente somos nós? E, principalmente: desde onde vemos, falamos, diagnosticamos, partindo do pressuposto de que desde dentro do próprio valor (força, sentido) que se é ou no qual visceralmente se está, não se pode ver, falar, dizer, diagnosticar este próprio valor (força, sentido). Então, desde onde, com que direito falamos de crise da razão? Já estamos, já nos situamos fora da razão? E que lugar, que âmbito possível seria este? Parece, melhor, evidenciar que a razão não tem mais direito de ser razão, ou seja, de se pôr e de se propor como valor, sentido, orientação, norte. Busca-se, pratica-se até, por pura e infantil reação e revolta, a des-razão, a i-razão, o irracional. É preciso que se tenha claro este emaranhado, este torvelinho.

Mas, afinal, e razão — o que é isso? Como? O que realmente está em questão e em crise, quando se fala de crise da razão? Se o homem, o homem moderno sobretudo, o cartésio-galileiano, fundamenta sua vida, sua existência histórica na razão, em que ele realmente fundamenta sua vida, sua história ou sua destinação de

ser, de vir-a-ser? Em suma e por fim, o que é, como é a razão, a razão que hoje está em crise, que entra em des-crédito?

Razão, de modo geral, traduz o grego “lógos”. Em traduzindo “lógos”, razão evoca um poder de integração, uma força de compactação, um poder e uma força de reunião. Quer dizer, um poder, uma capacidade ou uma aptidão de compactar, de integrar, de reunir e, assim, pôr, apresentar em um, isto é, em uma unidade inteligível. Assim entendido, há que se admitir, é possível, muitas razões, ou seja, muitos uns ou unidades/totalidades. Isso quer dizer: são muitos os “lógoi”, os sentidos ou os mundos possíveis.

A razão moderna, quer dizer, o sentido ou o mundo moderno, é a matemática. Portanto, na chamada modernidade impera a razão matemática, a razão cartésio-galileiana. A matemática, o matemático, antes de ser o saber ou a ciência dedutiva a respeito de números, de funções e de relações numéricas, *abstratas*, fala de um poder, de uma capacidade de antecipação. É isso ou para isso que aponta a raiz da palavra, o grego *manthanein*, *manthano*, de onde deriva *tà mathémat¹*, que são propriamente as *coisas* que se pode aprender e, ao mesmo tempo, ensinar. Mas, das coisas, aprende-se o aprendível e ensina-se o ensinável. Este aprendível e este ensinável constituem o antecipado, a saber, aquilo que, das coisas, nós, [inserir vírgula] de um certo modo (justo o modo constitutivo da antecipação, que é próprio do homem, da vida), sempre já temos e sabemos para poder, oportuna e adequadamente, nos ater (nos relacionar com) a elas. Isto, a saber, este aprendível e este ensinável, é o prévio, o antecipado, o *a priori* — portanto, *isso* constitui o modo de ser e de *saber* (nada formulado, tematizado e, assim, real ou efetivamente sabido) que sempre já somos, no qual, pois, sempre já estamos e, então, habitamos ou frequentamos.

Quando se fala de razão como integrar, como compactar e reunir, e quando se fala de razão como antecipar, não se está falando de duas razões ou de dois possíveis sentidos, duas possíveis determinações de razão. Não. É compactando, integrando, reunindo que a razão antecipa; é antecipando, antepondo e propondo que a razão integra, compacta, reúne ou põe, propõe e compõe em um. Trata-se de um só ato, de um único e mesmo acontecimento. Este um é o (pré)visto e o (pro)posto em todo ver, em todo perceber e aparecer ou mostrar-se. Kant, ao falar da estrutura *a priori* da razão humana, isto é, ao falar da constituição antecipadora e reunidora (sintética)

da razão, está falando da essência, do modo de ser mais próprio ou da gênese ontológica (forma) da razão, a saber, a antecipação ou a apreensão antecipativo-reunidora (sintetizadora) da razão. Isso, antecipação-reunião, em sua essência ou gênese, é o matemático. A análise, a descrição, a dedução da razão pura é a exposição da natureza (i.é, do *in statu nascendi*) matemática da razão. O puro, isto é, o próprio, o constitutivo ou o genético, é justamente essa antecipação-junção, essa antecipação-compactação ou pro-posição, pro-posta em um.

Mas, a rigor, até aqui não há nada de novo no propalado novo modo de ser (o moderno) do homem europeu, quando se fala de modernidade. O grego viu e cunhou esta forma, esta estrutura matemática da razão, do “lógos”. Portanto, o novo do novo modo de ser (o moderno, o cartésio-galileiano) não está em ser pura e simplesmente razão, isto é, junção e antecipação, síntese *a priori*, mas, sim, em ser uma antecipação numérica e, então, uma junção, uma compactação no número e como número. O novo é o número e só o número como o matemático, isto é, o número como a forma, a única forma da antecipação e da junção ou síntese. O numérico, a antecipação no e como número perfaz o novo da razão cartesio-galileiana ou da chamada moderna razão matemática.

A possibilidade de antecipar e propor tudo, a saber, toda e qualquer coisa, todo e qualquer domínio da realidade, como número abre a possibilidade (o método quer isso, visa a isso) de tudo quantificar e assim submeter tudo ao cálculo — o número, segundo a formulação de Kant, “é o esquema puro da quantidade” (KANT, 1982, A142, B182). Por esquema puro pode-se, deve-se, no caso, entender o número como a forma, como o *in statu nascendi* da quantidade e da quantificação. Sob cálculo não se deve entender básica e imediatamente uma operação intelectual para a determinação de algum valor ou alguma grandeza numérica. Antes, cálculo quer dizer: por antecipação ou previamente, graças à medição e à contagem (quantificação), certificar-se, assegurar-se, à medida que tudo é reduzido e reconduzido, melhor, subsumido, ao número, ao numérico e, então, ao quantitativo e ao assegurador (pré-visão, asseguramento). Cálculo, calcular, quer, pois, dizer: por antecipação, previamente, poder e dever contar com. Melhor ainda: calcular significa criar, instaurar as condições prévias, a partir das quais é possível e necessário contar com e, assim, assegurar-se, certificar-se.

A famosa fórmula de Galilei, *mente concipio*, quer dizer: concebo, apreendo na mente (razão) sob a forma, i.é, enquanto e como número ou relação numérica, numérico-quantitativo. Assim, “*in hoc signo*”, é antecipada a experiência, toda e qualquer experiência, isto é, é pré-concebido o experimento como cálculo do mundo, de tudo quanto há e é, de tudo quanto aparece, se mostra, enfim, de todas as coisas. Assim se constitui o projeto moderno, o moderno projeto matemático do mundo.

Subjacente está ainda a concepção, segundo a qual esta mente, esta razão, é à parte, separada do corpo, autônoma, e este conceber-apreender é fundamental e essencialmente representação. E representar significa: re-apresentar o que por ventura se dá ou se apresenta sob a forma do i-mediato. Este re-apresentar se dá ou se faz desde ou a partir do próprio ou constitutivo da mente, da razão, a saber, segundo a pré-compreensão ou o pré-conceito moderno, por excelência ou privilegiadamente o número, o numérico. A razão moderna, em sendo antecipação e compactação (junção, síntese, composição) é representação numérica, numérico-quantitativa. Concebido, pensado, imaginado na mente, a razão (i.é, a mente) vê, pré-vê ou ante-vê o que ela sempre já antecipou ou propôs, a saber, o número, o numérico e o numerado. Ou seja, a razão matemático-numérica *se vê e se re-conhece* no visto e conhecido ou sabido.

[Já está posta ou proposta (racionalmente antecipada) a estrutura binária, isto é, zero ou um, certo ou errado, verdadeiro ou falso, real ou irreal, como método, como critério ou medida de toda e qualquer realidade possível. Esta forma, esta estrutura binária é a teia, a aranha moderno-contemporânea: a cibernética, a informática e o domínio do virtual].

Quando se experimenta uma crise, a sensação ou o sentimento é de *iminência* de falência, de fracasso, de ruína. Importante notar que não é efetivamente a falência, o fracasso, a bancarrota, mas a sensação é de iminência de. Está-se à beirinha, no limiar do abismo. E isso, em crescendo, nos dá a sensação de beco sem saída, de desorientação e, no estertor, de desespero. É, mais ou menos, como a sensação de completa instabilidade que se tem no instante do terremoto. No extremo é, sim, o sentimento, a hora do pavor. É perigo, sim, mas é mais que perigo: é pavor frente ao desconunal do perigo.

E isso provoca uma observação que é preciso constar: a vida, toda vida ou existência humana só é possível desde um certo coeficiente

de certeza, de segurança. Se a vida, porém, se faz só segurança ou só desde segurança e certeza, ela se extingue, pois, invadida por paralisção e atrofia, desfaz-se seu poder de transformação, de alteração, de geração. Mas, por outro lado, se ela se faz também só incerteza, só insegurança, total dúvida e completo desespero e pavor — aí também ela se torna cataléptica, inerte, morta. Na crise está-se na iminência desta situação, deste estado de completo colapso. Sensação de crescente perda, de crescente desorientação, isto é, de crescente perda de orientação, ou seja, de oriente, de nascente, de sentido.

* * *

Falamos de crise da razão. Será justa esta crise? Será sincera? Será um diagnóstico correto? Já mencionamos e agora ratificamos: quem fala desta crise? Quem a vê e a diagnostica? Para assim ver e diagnosticar, é preciso que este que assim vê e diagnostica esteja, de algum modo, fora da crise, além dela, justo à distância boa para poder vê-la como tal. Mas um fora e um além que são marcados por um atravessamento, por um traspassamento, a saber, o atravessamento e o traspassamento da própria crise, isto é, do próprio abalo, do próprio pavor.

Crise da razão. É estranho falarmos de tal crise no momento em que, por todo lado em nossas lidas, a razão celebra sua hegemonia, seu maior triunfo. Vivemos e somos em meio ao completo domínio, à completa vigência da razão. É a hora do mundo, da sociedade planejada, antecipada, controlada. É a hora da tecno-ciência, do mundo binário da informática, da informação e da informatização, da virtualidade, onde esta *virtus* é a razão, a razão matemática, melhor, a razão matemático-numérica enquanto e como completa digitalização, isto é, aritmetização e numeração.

Mas, tudo indica, é nisso, desde o mais dentro disso, que aparece a crise, à medida que vai crescendo um estranho sentimento de insatisfação, de insuficiência. Mais: de desvio, de desorientação. Será, seria a crise do homem no meio, dentro da própria razão? Ou seja, seria a crise em relação à humanidade do homem, à humanidade do homem que se compreende, se define e se propõe e promove como essencialmente racional — o animal racional?

Então, a crise seria o irromper, bem no meio do vórtice e do domínio da razão, da suspeita, da desconfiança, da insatisfação em relação à própria razão, em relação à essência do homem? Perdendo

a razão, isto é, desconfiando dela, o homem se desorienta, se perde, se desespera e, é possível, nisso, dentro disso, volta a pergunta, com a impertinência de uma comichão: e o que é o homem? É possível que, a certa altura, esta pergunta, mais do que silenciosa e sussurrada interrogação, se faça até um grito. Grito e até estertor. Mas gritar e estertorar não são nenhum perguntar. No grito e no estertor ninguém se põe à busca e à procura de nada, mas é igualmente só a paralisia, o hirto do grito e do estertor.

Mas é hora, sim, de repor, de re-colocar a pergunta: o que é o homem? E por que o homem, enquanto animal racional, é posto em dúvida? E será de tal modo em dúvida, que nos desorientamos e até nos desesperamos da razão – no meio dela, dentro dela, em plena vigência dela?!

O homem, o animal, o vivente racional. Modernamente, em sendo razão, entendida como razão matemática e esta como sendo a antecipação (programação) numérico-quantitativa do mundo, de toda realidade possível — enfim, em sendo isso e assim, cumpre-se ou realiza-se deste modo uma velha, uma bem mais antiga pré-compreensão de razão (da humanidade do homem), pré-compreensão esta que vem, explícita ou implicitamente, se enviando e se reenviando, portanto, fazendo-se história, desde há muito no Ocidente, na Europa e, assim, definindo o perfil da identidade, da essência do homem ou da racionalidade europeia.

E esta compreensão é aquela, segundo a qual a razão, também e principalmente a razão matemático-numérica, que é um modo de ser, de proceder do homem, que é regido, principal ou fundamentalmente, pelos princípios de identidade, não contradição e razão suficiente. A vigência, o domínio ou a dominação da razão, da razão matemático-numérica, é a vigência ou a dominação de um modo de ser e de *ver*, que quer, que *precisa querer* organizar e interpretar toda e qualquer realidade possível a partir da *positividade* destes princípios: identidade, não contradição e razão suficiente.

O homem, a vida, a vida humana **são** isso?! Ele ou ela são **só** isso?! Uma vez **isso** sob suspeita, volta-se a perguntar: O que é o homem? Como?! Onde ou quando fracassa, sucumbe, vai a pique ou a bancarrota **esta** razão (i.é, identidade, não contradição, razão suficiente, conceito, representação clara, certa, distinta, controle, autoasseguramento, *cálculo*), acaba ou fracassa, isto é, sucumbe, vai a pique, à breca o homem, **todo** o homem?! O pensamento, todo o pensamento?! **Não**.

Aqui, sim, talvez, *cessa*, cala a antiga musa, i.é, a razão, *l'infamme*, porque, talvez, um outro valor, uma outra força, uma outra musa se levanta. Esta outra força, este novo valor, talvez, tenha o poder imensurável da fragilidade, do *não-poder* — da criança, disse Nietzsche. O super-homem, o para-além-do-homem, o Übermensch, de Nietzsche, é justamente esta criança, esta fragilidade, este não-poder, quer dizer, o exposto e o jogado, o à toa da vida, da existência. ...?!

De maneira contundente e extraordinária, Kierkegaard definiu, formulou do seguinte modo o estrato ontológico básico desta criança, desta vida, isto é, o lastro da existência humana, dizendo: “é a realidade da liberdade como possibilidade para possibilidade” (KIERKEGAARD, 1973, cap. I, § 5). Que é isso? Como? ...?!

Heidegger, cumprindo esta mesma viagem, falando desta hora de crise da razão, da razão (e do homem) matemático-numérica(o), da razão (e do homem) técnico-cibernética(o), e formulando o mesmo fenômeno e a mesma experiência de *krisis* (nesta palavra grega já está contida a idéia, a experiência de transformação e virada), diz tratar-se da hora de passagem (*Übergang*), de uma hora de uma “virada de essência do homem” (*Wesenswandel des Menschen*) (HEIDEGGER, 1989, p. 3), não para novo, novismo e novidade em relação a alguma escala evolutivo-progressiva, mas para a retomada ou a repetição (*Wiederholung*) de um velho, de um antigo e imemorial a ser lembrado e celebrado (nisso estaria a repetição, a retomada) e que é a passagem-salto do animal *rationale* para o *Dasein*, isto é, para a vida. De novo: vida — que é isso?! Claro, nada biológico, nada de engenharia genética ou coisa de laboratório de biologia molecular... Trata-se, sim, de outra musa, de coisa muito menor, de algo muito mais frágil, algo i-mediato e que diz: só, tão só o *fato*, o *acontecimento* da irrupção súbita (um pleonasma!) de um modo de ser que pode, que precisa se denominar “a realidade da liberdade como possibilidade para possibilidade”. Mas isso é, sim, uma nova-velha musa, que cabe descrever, caracterizar, expor (assim se canta no pensamento!), para que se evidencie este profenômeno ou este arqui-acontecimento em toda sua força frágil, jogada, de graça, à toa, sem por quê, sem para quê, *sem de onde?*, *sem para onde?* Pura doação, pura gratuidade. É possível que, por esta via, o homem deixe de ser o bípede ingrato (DOSTOIEVSKI, 2008).

Bem, mas isso, sim, já se disse tanto, é outra musa e, então, outro encontro, outra fala, outro ensaio de ensaio...

NOTA

¹ A respeito disso, ver a formulação e o desenvolvimento de Heidegger, principalmente, em **Que é uma coisa?** Lisboa: Edições 70, 1992. p. 75-82. Cf. original, *Die Frage nach dem Dinge*. Tübingen: Max Niemeyer, 1975. p. 53-59.

Referências

CAMÕES, L. de. **Os Lusíadas**. Lisboa: Rei dos Livros, 2002. v.I, 3.

DOSTOIEVSKY, F. **Crime e castigo**. Tradução Natália Nunes e Oscar Mendes. São Paulo: L& PM Pocket, 2008.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução Márcia de Sá Cavalcante. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

_____. **Que é uma coisa?** Lisboa: Edições 70, 1992.

_____. **Beiträge zur Philosophie**. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1989.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores, 25).

KIERKEGAARD, S. **Le concept d'Angoisse**. Tradução Paul-Henri Tisseau. Paris: Éditions de L'Orante, 1973. (Oeuvres Complètes, 7).

Recebido em: 15 de maio de 2012.

Aprovado em: 17 de julho de 2012.